Linguagem

Autor(es): Santos, José Gabriel Trindade
Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/44244>
DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/978-989-26-1596-7_8
Accessed : 26-Apr-2023 12:10:42

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

PLATÃO

C O O R D E N A Ç Ã O D E
G A B R I E L E C O R N E L L I E R O D O L F O L O P E S

Coimbra Companions

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

VIII

LINGUAGEM

José Gabriel Trindade Santos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Seguindo Parmênides, o programa epistemológico desenvolvido nos diálogos platônicos usa a linguagem para dirimir as controvérsias sobre o conhecimento (Parm. B7.5b; *vide Phd.* 99e-sqq.). Platão contextualiza os pressupostos em que assenta a estrutura antepredicativa da argumentação eleática (Parm. B2¹) na matriz predicativa que permitirá ao conhecimento atingir a realidade.

É possível dividir o programa platônico pelos três grupos em que é costume ordenar os diálogos. Enquanto (1) o grupo elêntico se dedica à formulação da teoria do λόγος; (2) o grupo que associa a Reminiscência (R) à Teoria das Formas (TF) concentra-se no duplo problema da participação e predicação. Finalmente (3), libertando a TF do dualismo estrito da sua ‘versão canônica’, o *Teeteto* e o *Sofista* propõem uma versão revista da participação e predicação.

1 Sem sujeito e predicado, as formas verbais – ‘que é/que não é’ (B2.3, 5) – não devem ser lidas como cópulas, mas, autoreferencialmente, como nomes: ‘os únicos que podem ser pensados’ (B2.2). A ‘incognoscibilidade’ de ‘o que não é’ (B2.6-8a; B8.17b) obriga a ‘abandonar’ (B8.17a) ‘que não é’ e ‘escolher’ ‘que é’ (B8.16b-18), ‘como a única via’ de investigação, inserindo num contexto antepredicativo a tese do ‘monismo predicativo’ (vide Curd, 1991, 242-243).

(1) ΔΙΑΛΟΓΟΣ ΕΛΕΝΤΙΚΟΣ

Ἐλεγχος

Usando a pergunta ‘O que é X?’ para obter do seu interlocutor um ‘enunciado predicativo’ (λόγος), Sócrates consegue sempre refutá-lo porque o leva a aceitar contraexemplos, dos quais extrai o ἀντίλογος que contradita o inicialmente apresentado.

O seu objectivo não é provar a falsidade do λόγος avançado pelo interlocutor. É este que, ao aceitar o ἀντίλογος, cai na aporia, por ter anuído a dois enunciados contrários. Enquanto, no plano dramático, este resultado confirma o diagnóstico socrático do ‘nenhum valor’ do saber humano (*Ap.* 23a-b), no plano argumentativo, impõe a *consistência* como princípio regulador do saber infalível (ἐπιστήμη) e o λόγος como meio de validação desse saber (*Phd.* 99e-100a).

Λόγος

Platão usa a linguagem como instrumento de pesquisa. Encarando o λόγος como prova de ‘saber’ (*Phd.* 78d, 85c-d; *R.* 533c; *Tbt.* 202c), o ἔλεγχος decorre no confronto do saber de Sócrates com o do seu interlocutor². Esta estratégia só é derrotada quando o interlocutor rejeita o ‘enunciado predicativo’ e o encara como um nome³.

Ora, se o λόγος é correntemente aceite como nome, a exigência socrática de o ler como a relação entre o ‘definido’ e o ‘definidor’ (*Men.* 71b, 72a-77b) ganha alcance metodológico. No diálogo entre os participantes no debate, a linguagem do quotidiano é livremente usada, sem que o texto escrito revele os equívocos sistemáticos que opõem Sócrates aos seus interlocutores. Só as refutações tornam patente o fato de os termos definidos – e.g. ‘Justiça’,

2 Embora os contraexemplos fornecidos sejam avaliados pela experiência dos disputadores, o que conta para a refutação é o fato de serem aceites por consenso.

3 No *Eutidemo* (283e-284c, 286a-c), Platão mostra que os dois sofistas lêem um enunciado como se fosse um nome; no *Crátilo* (429b-430a), implicitamente atribui a Crátilo essa concepção. No *Sofista* (251b-c) atribui aos ‘que aprenderam tarde’ a teoria que confere ao λόγος uma função nominal, inviabilizando a predicação. Referindo fontes posteriores, Denyer (1991, 24-45), cita textos relativos a Pródico e Antístenes para referir a leitura do λόγος como nome. Vide Giannantoni (1990, II, 137-226; I, 461-468; I, 503-518).

‘Piedade’, ‘Coragem’, ‘Virtude’ etc.) – serem diferentemente entendidos pelos contendores⁴.

Enquanto o interlocutor defende a sua pretensão a um saber que é obrigado a assumir⁵, Sócrates impõe as Formas como referentes pressupostos pelas suas perguntas⁶, reforçando a sua aceitação pelo interlocutor através das exigências formais a que deverá atender para dar uma boa resposta⁷. Deste modo, Platão anuncia a conversão dos pressupostos eleáticos⁸ nas ‘propriedades eidéticas’ das Formas⁹, usando-as para denunciar a insuficiência epistêmica dos praticantes das ‘artes e técnicas’.

(2) DIÁLOGOS SOBRE A TF

A simplicidade com que este modelo de pesquisa é aplicado a uma infinidade de situações dialéticas acaba, com o abandono do contexto agonístico. Pois, num contexto heurístico, Platão é obrigado a criar a terminologia filosófica que lhe permite aprofundar os pressupostos da metodologia elêntica.

Para descrever e aplicar as ‘teorias’ da Reminiscência e das Formas, são cunhados termos como ‘Forma’ e ‘entidade’ (εἶδος, οὐσία), além de expressões

4 A espontaneidade das respostas de Ménon patenteia a distância a que a sua concepção da ἀρετή se acha da de Sócrates. No entanto, este abismo pragmático é anulado pela tradução ‘virtude’, que confere à ἀρετή um caráter ético e gnosiológico, alheio à generalidade dos interlocutores de Sócrates.

5 Há que distinguir a simplicidade de Ménon, ou de Laques, do refinamento dos sofistas e oradores (sejam Hípias, Crítias, Protágoras, Cálicles, ou Trasímaco), que se têm por ‘homens sabedores’. Personagens como Nícias ou Íon, ou mesmo Êutifron situam-se entre os dois extremos.

6 Santas (1979, 84-96) aponta as Formas como pressupostos da metodologia elêntica. Os interlocutores são refutados por não conseguirem satisfazer a exigência epistêmica que lhes exige ‘definições’ adequadas de Formas, como as acima referidas.

7 Uma única resposta que cubra a totalidade dos casos nomeados pela entidade investigada; que permita a substituição do definido pelo definidor (*Euthphr.* 11e-11b) em contextos transparentes (*Prt.* 331c). Vide *Euthphr.* 5d, 6e; *La.* 192a-b; e, sobretudo, *Men.* 72-76.

8 Verdade, unidade (Parm. B2), ingenerabilidade e incorruptibilidade, imobilidade e imutabilidade, indivisibilidade, completude (B8), exigidas pela cognoscibilidade de ‘o que é’.

9 ‘Perfeição’, ‘imutabilidade’, ‘eternidade’, etc. Vide *Smp.* 211a-b.

como ‘o próprio’ X (αὐτὸ τό), X ‘em si e por si’ (αὐτὸ καθ’ αὐτό). A nova terminologia é inserida em textos povoados por metáforas, sugestivas da convergência dos planos onto-epistemológicos contrapostos, do ‘visível’ e do ‘inteligível’.

Dualismo e onto-epistemologia

A fim de compatibilizar a ‘estabilidade’ (*Phd.* 78c-e; *R.* 479a, *passim*: κατὰ ταῦτα καὶ ὡσαύτως) do saber com a ‘insanidade’ (*Cra.* 440c; *Phd.* 90c, *passim*: οὐδενὸς οὐδὲν ὑγιές) do mundo das ‘opiniões’, Platão insere as investigações numa matriz dualista, que tenta unificar pela argumentação. No *Fédon*, para que a reminiscência funcione, é necessário que ‘os iguais’, que ‘aspiram a ser como o Igual’ (74b), exibam as ‘propriedades’/‘predicados’ (*Phd.* 102d-e, 103b: τὸ ἐν ἡμῖν εἶδη: ‘Formas em nós’; 103e: μορφή: ‘forma’), que dele ‘participam’¹⁰ (100d-e).

No entanto, esta abordagem ontológica é inseparável dos seus apoios epistemológico e lógico. Não só as duas naturezas contrapostas são ‘captadas’ pelas ‘competências’ (*R.* 477c-478e) paralelas, mas distintas, da ἐπιστήμη (‘saber’) e da δόξα (‘crença’/‘aparência’/‘opinião’), como exprimem em enunciados com diferentes estatutos (*Ti.* 29b-c) os ‘predicados’ sensíveis (a multiplicidade das ‘coisas belas/feias’, ‘justas/injustas’, ‘dobros/metades’ etc.: *R.* 479a-c) e as Formas imutáveis que aqueles ‘imitam’ (*Phd.* 75a-76a).

O problema que Platão quer resolver é o de como enunciados predicativos (‘X é Y’) são usados para descrever um mundo ‘que rola entre o não-ser e o ser puro’ (*R.* 479d), no qual, em contextos submetidos à ‘compresença de opostos’ e ao ‘fluxo’, as Formas ‘entram’ e ‘batem em retirada’ (*Phd.* 102d-e) dos ‘objectos’¹¹ que causam e aos quais ‘dão o nome’ (*Phd.* 102a-b; *R.* 596a; *Prm.* 130e: ἐπωνυμία).

10 Para que alguém diga que dois sensíveis ‘são iguais’ precisa de ter previamente (na mente: ἐννοεῖν) a noção de ‘Igual’. É-lhe também exigido que não confunda essa noção (‘perfeita’ etc.) com o predicado homónimo (‘variável’ etc.) que a imita. Note-se que a noção de ‘Forma’ é incompreensível e inútil sem a de predicado, que recolhe a Forma do sensível e a ele a aplica através da linguagem.

11 Nenhum termo grego corresponde a ‘objecto’. Espera-se que o percebido, a que é atribuído um nome, seja cópia da Forma epónima.

A dificuldade do problema reside na dupla constituição e orientação das relações entre as naturezas referidas e os ‘estados psíquicos’ (R. 511d: παθήματα ἐν τῇ ψυχῇ) que asseguram a sua captação. Se, no sentido descendente – de uma perspectiva ontológica –, é necessário que o sensível seja causado/explicado¹² pelo inteligível; no sentido ascendente – numa perspectiva epistemológica –, é exigido que através de enunciados (διὰ λόγων) se possa chegar ao saber. Para resolver esta dupla dificuldade, Platão compõe as três analogias: do Sol, da Linha e da Caverna (R. 508a- 534e).

Deixando de lado o Sol, cuja função é introduzir o dualismo sensível/inteligível, tanto a Linha como a Caverna visam finalidades cognitivas. À primeira leitura, a Linha articula a cognição em quatro interfaces onto-epistemológicas. Todavia, a dupla perspectiva pela qual é observada a sua estrutura – externa e interna – mostra que aos dois primeiros níveis (de baixo para cima) cabe a função propedêutica de ilustrar a analogia. Assim como as sombras (espelhos, reflexos) imitam entes físicos, definindo o domínio do ‘visível’/‘opinável’, também as Formas susceptíveis de representação imitarão as ‘invisíveis’, constituindo o domínio do ‘cognoscível’ (509e-510a).

Todavia, mal aborda a análise dos entes/operações agrupados nos segmentos que constituem a secção superior da Linha, a analogia passa da imitação dos originais pelas imagens para a dos dois modos de captação do inteligível, levando a ‘imitação’ a deslocar-se, das naturezas imitadas para os modos de imitação¹³.

Enquanto no segmento inferior da secção inteligível, através da geometria, *a alma* usa *como imagens* as ‘coisas então¹⁴ imitadas¹⁵’ (originais sensíveis), na secção superior, através da dialéctica, investiga as próprias Formas (originais inteligíveis). A geometria imita a dialéctica, dado ambas visarem o ser (526e-527c, 532a-533a), embora sigam metodologias distintas (510c-511d),

12 Αἰτία significa simultaneamente ‘causa’ e ‘explicação’. Aquilo que faz com que algo seja de certo modo, ao mesmo tempo que aponta a razão pela qual é assim.

13 As ‘imagens’ (εἰκόνες) visíveis imitam os seus ‘modelos’ invisíveis (‘o que se assemelha ao que se assemelha’: 510a11).

14 Τότε remete para os segmentos da secção visível.

15 Como Pereira (2011) e a maioria dos tradutores, prefiro a versão do manuscrito Parisinus 1807 (μιμητεῖσιν) à atestada no *Vindobonensis* 55 (τυπθεῖσιν), implicando que os ‘originais’ visíveis são aqui tratados como imagens.

implicitamente mostrando que a passagem do ‘entendimento’ ao ‘saber’ se faz pela linguagem.

Platão avisa que, enquanto a cognição ficar compartimentada entre imagens e originais, não será possível o trânsito entre as duas competências cognitivas¹⁶, tornando a ‘crença’ num pântano (*R.* 533d1-2) e o ‘saber’ de todo inacessível. Que fazer então da filosofia (*Prm.* 133a-135c)? Este é o problema com que se confronta o *Teeteto*.

(3) DIÁLOGOS CRÍTICOS

O *Teeteto*

Poucas vezes se terá notado que, embora o *Teeteto* seja dominado pelas três perguntas que dirige ao saber (ἐπιστήμη), a quase totalidade do que é dito nas respostas diz respeito à ‘crença/opinião’ (δόξα)¹⁷.

Ao concluir que o saber se acha ‘no raciocínio sobre as *afecções*’ (186d: παθήματα), Sócrates confere-lhes lugar na cognição. Resta determinar como, a partir de opiniões, verdadeiras ou falsas¹⁸, sobre as sensações, se pode chegar ao saber infalível.

Todavia, enquanto não houver trânsito entre ‘o que não é’ (como coisa, conhecimento ou percepção) e ‘o que é’, a opinião falsa é impossível (188a-189a). A análise da δόξα na sensopercepção, memória e pensamento mostra que, se a falsidade é incompatível com a infalibilidade do saber (189b-201c), não é possível chegar a este a partir da outra. Restará apenas alargar o exame à linguagem (201c *ad finem*).

Deixando de lado o problema da opinião falsa, a nova abordagem concentra-se em determinar como um enunciado explicativo (λόγος) pode atingir o saber. Acaba por concluir que não pode porque ou a opinião é

16 A proposta supera a dificuldade a que chegara a análise do visível: ‘quanto a ‘verdade’ e ‘não-[verdade]’, assim como o opinável está para o cognoscível, o que se assemelha está para aquilo a que se assemelha’ (*R.* 510a9-11).

17 Entendida simultaneamente como uma competência cognitiva, o seu exercício e o enunciado que a fixa verbalmente (*Tht.* 189e-190a; vide *R.* 477c9-d5).

18 Mesmo que o facto de as sensações serem sempre verdadeiras (*Tht.* 152c, 188e-189a) leve cada um a pensar que as suas opiniões também o sejam (179c).

falsa e o enunciado não pode ser verdadeiro, ou é verdadeira e o enunciado nada lhe acrescenta (208c-210b; *vide* 189e-190a). Após esta conclusão, torna-se necessário praticamente reinventar a função da linguagem na investigação do real. Esse programa é desenvolvido no *Sofista*.

O *Sofista*

Neste diálogo, a linguagem é usada para atingir duas finalidades complementares: 1) formular linguisticamente problemas filosóficos (237d-245d); 2) definir e aplicar os conceitos e teorias que permitem propor soluções adequadas à resolução desses problemas (253d-259b).

Aporias

A primeira secção aporética (237d-241b) é dedicada às aporias patentes quer em usos correntes e tradicionais de ‘o que não é’ (237d-239b), quer em expressões nas quais são usadas formas do verbo ‘ser’ para relacionar originais com as suas imagens (εἰκόνες, εἰδῶλα) e simulacros (239d-240b: φαντάσματα).

O primeiro tipo de problemas é criado pela impossibilidade de ligar ‘o que não é’ a ‘algo que é’, a ponto de se poder alegar que quem o fizer nem sequer fala (237e, 238c, e, 239a). Um primeiro exemplo do segundo tipo de problemas acha-se contido numa frase como: ‘uma imagem é uma imagem, mas não é (verdadeiramente) um original’ (a partir de 240a-b). Um segundo exemplo acha-se condensado na tese de que existem opiniões falsas (240d-241a), que opinam ‘as coisas que não são’ (240d), e afirmam que ‘o que não é’ é e ‘o que é’ não é (240e).

Na segunda secção aporética, o Hóspede de Eleia (HE) concentra-se nas dificuldades geradas pela expressão ‘o que é’, bem como sobre o simples uso de formas do verbo ‘ser’ para descrever o real, na tradição reflexiva e no discurso corrente (242d-245d).

As doutrinas daqueles que propuseram concepções sobre ‘o que é’ (ou ‘o ser’) agrupam ‘monistas’ e ‘pluralistas’. No entanto, todos sustentam que ‘o que é’ é também qualquer *outra coisa* ‘que é’. Por exemplo, como podem os pluralistas defender que ‘o que é’ é ‘quente e frio’? Quando afirmam que

é ‘quente’ e ‘frio’ defendem que os três ‘são’, apenas dois ou só um deles¹⁹ (243d-e)?

Por sua vez, quando os monistas postulam que ‘só um é’ (244b), a que dão os nomes ‘ser’ e ‘um’? Como podem sustentar que são dois nomes, quando dizem também que ‘o tudo é um’, apesar de que só ‘um é’ (244b)? ‘Servem-se de dois nomes para o mesmo’ (244b-c)? Então, o nome que usam é diferente ou o mesmo que a coisa? Se é o mesmo, é nome de nada ou nome do nome, ‘nome de um’ e ‘um do nome’ (244d)? E ‘o todo’: é outro ou o mesmo que ‘o um’ (244d)?

Finalmente, pode ‘o que tem partes’ ser um, sendo ‘todo e ser e todo um’, embora não ‘o próprio um’ (pois ‘o um não pode ter partes’: 245a)? Então, se ‘é um por ter a afecção do um’²⁰, será ou não ‘um todo’ (245b)? Se tem a afecção do um, não é o mesmo que ele, e ‘todas as coisas serão mais do que um’, ou então ‘o ser é carente de si mesmo’ e ‘será não sendo’ e ‘não virá a ser’ (245c-d). Então, como ‘o que vem a ser’ vem ‘a ser sempre como um todo’, se o um e o todo não são, não se pode falar de entidade (οὐσία), de geração (γένεσις), nem de nada que tenha quantidade (245d).

Análise das aporias

Todos estes problemas partem de Parménides ou de leituras sofísticas do argumento do *Da Natureza*, decorrendo do conflito entre o contexto antepredicativo em que estão inseridos e a concepção do λόγος como ‘enunciado predicativo’, em que o HE os coloca. A atenção que lhes é conferida pelo *Sofista* sugere envolverem problemas relevantes para o lançamento das bases da investigação em filosofia.

Platão aborda-os pelas vertentes ontológica, epistemológica e lógica²¹:

1. ‘o que não é’, ‘negativa’ (237d-241a; 255e-259b, 257b-c);
- 1.1 ‘imagem’ (239d-241a; 255b-258e, 263d);

19 Ou seja, que o ‘o ser é quente [e é] frio’, ou que ‘o ser é (o mesmo que) o quente e o frio’?

20 Quer dizer, se lhe é atribuída a ‘unidade’ como predicado.

21 Indico primeiro o local da referência ao problema; depois, separado por ponto e vírgula, o da solução para ele proposta.

- 1.2 ‘opinião falsa’ (240d-241a; 263b-d);
- 2. ‘o que é’, ‘o ser’ (242c-245d; 247d-251a, 253d-259b);
- 2.1 ‘unidade’ (243d-245d; 255a-b);
- 2.1.1 ‘nome’ e ‘atributo’ (244b-245d; 255a-b);
- 2.2 ‘participação’ (245a-d; 256a).

Resolução das aporias

O problema de ‘o que não é’ só é solucionado com a introdução do Não-Ser. Constituindo o quinto Sumo Género e apoiado na reformulação do sentido da negativa, que, de ‘contrário’ passa significar o ‘diferente’ (257b-c), o Outro faz do Não-Ser ‘um outro Ser’.

Quanto ao problema da imagem, a sua resolução depende da distinção das leituras atribuídas a enunciados formados com o verbo ‘ser’. É trabalhado na definição das relações entre os sumos géneros e referido na síntese sobre a linguagem que conclui a secção central do diálogo. O problema da ‘opinião falsa’ é aí resolvido pela definição da ‘verdade’/‘falsidade’ como ‘qualidades dos enunciados’ (263b-d).

Apesar de os problemas de ‘o que não é’ terem sido apresentados em primeiro lugar, como a sua resolução depende dos resultados encontrados para os postos por ‘o que é’, o HE postula a ‘paridade’ entre ambos (250e-251a; 254b-c), trabalhando-os a partir do início da análise das relações entre Ser e Não-Ser (250a-259b).

Estabelecida a tese de que algumas coisas, mas não todas, se misturam com outras (249c-d; 252e-253a; 254b-c), o HE postula como três dos Sumos Géneros²²: o Movimento, o Repouso e o Ser²³ (249d-250a). Mas como é possível incluir numa classe estas duas entidades, que são ‘o mais opostas’ uma à outra (250a-b; 252d)?

22 Um ‘sumo género’ pode ser entendido como uma das mais amplas classes de entes: ‘as (coisas) que são’. Os três primeiros dividem-se em ‘o que é’ e as ‘(coisas) que se movem’ e as ‘imóveis’. Adiante, são introduzidos ‘o Mesmo’ e ‘o Outro’ para caracterizar as relações entre eles.

23 Sumariamente afastando a tese eleática da imutabilidade/imobilidade de ‘o que é’ e o dualismo estrito dos ‘amigos das Formas’.

Este tipo de inclusão de classes que, não obstante *serem*²⁴, não podem se identificar nem uma com a outra, nem com o Ser que as inclui, obriga a explicar o seu ‘envolvimento’ como uma relação até aqui não registada, à qual é dado o nome de ‘participação’²⁵ (250b; *vide Phd.* 102d-e).

A dialéctica

Expostas as contradições internas das duas teses que defendem – uma, a imobilidade, outra, o fluxo incessante do ‘tudo’ (251d-252c) –, é reafirmada a ‘participação’ de algumas coisas nas outras (253a; vide 253d-e). Sobre ela se apoia a prática do ‘dialéctico’, ‘capaz de dividir os entes por classes’, sem confundir cada uma com as outras (253d).

O quadro exaustivo das relações possíveis entre os géneros fica fixado nas quatro perspectivas que se deparam ao *olhar* do dialéctico: 1) uma Forma envolvendo muitas outras; 2) por sua vez, envolvidas por ela; 3) uma só Forma, integrando vários conjuntos; 4) muitas outras, separadas (253d-e).

A consideração deste quadro permite acrescentar aos três géneros já apontados dois mais, cuja função é permitir o relacionamento lógico e epistemológico dos primeiros três. O Mesmo e o Outro são os novos géneros, que consentem ao dialéctico identificar e caracterizar cada género em si, observando as relações que mantém com um, ou mais, entre os restantes²⁶.

Essas possibilidades de combinação são expressas através da dialéctica dos sumos géneros (254d-256d), que conclui a definição do Ser (iniciada em 247d), e é rematada pela dedução do ‘outro do Ser’: o ‘Não-Ser’ (256d-259b).

A dialéctica dos sumos géneros constitui a matriz das relações consentidas entre as Formas, distinguindo os ‘nomes’ das Formas dos ‘predicados’ que

24 Nas diversas proposições em que o verbo ‘ser’ pode usado: existenciais, identitativas e predicativas (254d-256e).

25 Embora todas as coisas se achem em movimento ou em repouso, o Ser ‘emergiu fora destas’ (250d). A abordagem do problema da ‘participação’ visa permitir que um ‘todo’ inclua outros ‘todos’, sem que estes contem como ‘partes’ suas (como acontecia com ‘o ser é quente e frio’ em 243d-e).

26 Ao contrário dos primeiros, estes géneros não representam Formas existentes em si, mas possibilidades de combinação destas.

através delas são conferidos às coisas que delas participam²⁷. É de extrema relevância notar que, implícita nesta distinção, está a tese da referência dos ‘nomes’ às coisas, que os sofistas contestavam (*vide supra Eutidemo, Crátilo; Sof.* 244b-d).

Participação

O exame destes passos permite responder aos problemas elencados acima, em 2). Sabemos agora que o Ser é o Tudo e o Todo, envolvendo os outros Todos²⁸. A circunstância de estes não contarem como suas partes constitui a definitiva resolução do problema da ‘participação’.

Todo o argumento visa o objectivo último de desmascarar a estratégia refutativa atribuída ao sofista, condensada na tese, geradora de aporias, da impossibilidade da falsidade e da contradição (240a-b). Para tal, será ainda necessário combinar o Não-Ser com a opinião e o discurso (ou ‘enunciado’: λόγος em 260b).

Enunciado e predicação

O ‘enunciado’ é distinto do ‘nome’ (262b-d) por ser constituído pela combinação de nomes e verbos²⁹ (262b-c), exprimindo ‘o que é dito acerca de algo ou alguém’³⁰ (263a, c). Da sua natureza relacional resulta a caracterização da ‘verdade’/‘falsidade’ como ‘qualidades’ da relação e não das partes que a constituem (263b-d). Com estes três passos, o enunciado é remetido à função de ‘afirmar e negar’ (263e), distinguindo o discurso predicativo da concepção antepredicativa, que as leituras sofísticas exemplificavam.

27 Por exemplo, ‘os móveis’ participam do Movimento’ – movem-se –, ‘os imóveis’ do Repouso’ – estão parados; ‘o Outro é outro em relação aos outros’, e assim por diante (255a-b, *passim*).

28 Desta forma constituindo também o Uno como agregador de todas as outras unidades.

29 O ‘nome’ indica entidades (262b-c) e o verbo (ῥῆμα) significa acções (262b), mas só o enunciado os combina (262d-e; *vide* 259e; *Tht.* 202b).

30 A partir de Aristóteles, as partes do enunciado serão designadas como ‘predicado’ e ‘sujeito’.

Uma a uma, as inovações assinaladas pela argumentação do HE convergem numa nova concepção da investigação do real. A aplicação ao discurso da leitura da negativa como ‘diferença’ consoma a desarticulação da tese sofística sobre a impossibilidade da falsidade e da contradição. Encarado como *diferença* do Ser, o Não-Ser deixa de poder ser identificado com a falsidade. Finalmente a anulação da contrapolar identidade de ‘o que é’ com a Verdade liberta para sempre o discurso da estrutura antepredicativa em que a argumentação eleática o tinha encerrado.

Imagem

As aporias sobre a natureza da ‘imagem’ (240a-b) são produzidas pela dupla identidade ser/não-ser = ‘verdade/falsidade’. Desfeita esta, o enunciado não mais terá de oscilar entre identidade e contradição para manifestar a sua força copulativa.

Enquanto a matriz do Mesmo gera enunciados identitativos, o Outro regula a utilização da negativa (256a-b). Expressando a comunhão de entidades diferentes, a ‘participação’ suporta os enunciados predicativos. Por fim, os enunciados existenciais registam a participação no Ser³¹.

Esta tarefa de ‘desambiguação’ das leituras atribuídas a enunciados formados com o verbo ‘ser’ resolve problemas como os que são postos pela natureza da imagem³². O tipo específico de participação no Outro, responsável pela produção de imagens, é explicado pela intervenção da ‘imaginação’ (φαντασία) e definido como a ‘mistura da opinião com a sensação’ (264a-b).

BIBLIOGRAFIA

Fontes

Diels, H. & Kranz, W. (1951-2). *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Zürich: Hildesheim, griech. u. deutsch, I-III.

31 Por exemplo, ‘[O Movimento] existe por participar do Ser’ (256a); ‘todas as coisas ... são e existem por participarem do Ser’ (256e).

32 Que ‘é’, em relação a ela mesma, e ‘não é’, por participar do Outro (em relação ao original de que é imagem: 256a-b).

Sócrates e socráticos

Giannantoni, G. (1990). *Socratis et Socraticorum Reliquiae*. Napoli: Bibliopolis, IV vols.

Platão

Plato. *Platonis Opera*. (1900-1907). Oxford: Oxford University Press, ed. I. Burnet, I-V.

Traduções portuguesas:

Platão. (1988). *Fédon*. Coimbra: INIC, trad., introd. e notas de M. T. S. Azevedo.

_____. (1994a). *Êutifron, Apologia de Sócrates, Críton*. Lisboa: Imprensa Nacional, trad., introdução, notas e posfácio de J. T. Santos.

_____. (1994b). *Ménon*. Lisboa: Colibri, trad. e notas de E. R. Gomes, 'Introdução' de J. T. Santos.

_____. (1999a). *Eutidemo*. Lisboa: Imprensa Nacional, trad., introdução, notas de A. M. M. F. Nogueira.

_____. (1999b). *Protágoras*. Lisboa: Relógio d'Água, trad., notas A. P. Pinheiro.

_____. (2001a). *Crátilo*. Lisboa: Instituto Piaget, trad. M. J. Figueiredo, 'Introdução' de J. T. Santos.

_____. (2001b). *Parmênides*. Lisboa: Instituto Piaget, trad. de M. J. Figueiredo, 'Introdução' de J. T. Santos.

_____. (2004). *Timeu*. Lisboa: Instituto Piaget, trad. de M. J. Figueiredo, 'Introdução' de J. T. Santos.

_____. (2005). *Teeteto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, trad. A. Nogueira e M. Boeri, 'Prefácio' de J. T. Santos.

_____. (2011). *O Sofista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, trad. de J. Maia Jr et al, 'Introdução' de J. T. Santos.

_____. (2012). *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, trad., introd. e notas de M. H. da R. Pereira.

Bibliografia secundária

Livros

Denyer, N. C. (1991). *Language, Thought and Falsehood in Ancient Greek Philosophy*. London: Routledge.

Frede, M. (1967). *Prädikation und Existenzaussage*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.

Guthrie, W. (1965). *A History of Greek Philosophy* II-V. Cambridge: Cambridge University Press.

Kahn, C. H. (2003). 'Introduction', *The Verb 'Be'...*. Indianapolis: Hackett.

_____. (1973). *The Verb 'Be' and its synonyms, The Verb 'Be' in Ancient Greek, Philosophical and grammatical studies*. Dordrecht/Boston: Reidel, edited by W. M. Verhaar.

McCabe, M. M. (1994). *Plato's Individuals*. Princeton: Princeton University Press.

Mourelatos, A. P. D. (1970). *The Route of Parmenides*. New Haven/London: Yale University Press.

Palmer, J. (1999). *Plato's Reception of Parmenides*. Oxford: Oxford University Press.

Pimenta, M. M. (2006). *Platão, O pensador da diferença, Uma leitura do Sofista*. Belo Horizonte: UFMG.

Rosen, S. (1983). *Plato's Sophist, The Drama of Original and Image*. New Haven/London: Yale University Press.

Santos, J. T. (2012). *Platão: a construção do conhecimento*. Lisboa/São Paulo: Gradiva/Paulus.

_____. (2008-09). *Para ler Platão*. São Paulo: Loyola, vol. I-III

Colectâneas

- Hermann, A. (ed.). (2012). *Presocratics and Plato: A Festschrift in honour of Charles Kahn*, V. Karasmanis. Las Vegas: Parmenides Publishing.
- Kahn, C. H. (2009). *Essays on Being*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. (s. d.). Sobre o verbo grego ser e o conceito de ser. In M. Iglésias & I. Franco (orgs.). *Cadernos de Tradução*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Série Filosofia Antiga.
- Fine, G. (ed.). (2008). *The Oxford Handbook of Plato*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. (ed.). (1999). *Plato I*. Oxford: Oxford University Press.
- Gentzler, J. (ed.). (1998). *Method in Ancient Philosophy*. Oxford: Oxford University Press.
- Everson, S. (ed.). (1994.) *Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kraut, R. (ed.). (1992). *The Cambridge Companion to Plato*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Allen, R. E. & Furley, D. (eds.). (1975). *Studies in Presocratic Philosophy* II. London: Routledge.
- Vlastos, G. (1975). *Platonic Studies*. Princeton: Princeton University Press.

Artigos

- Ackrill, J. (1957/1965). Plato and the Copula: *Sophist* 251-259, rep. in *Studies in Plato's Metaphysics*, 207-218; originalmente 1957.
- _____. (1957a/1970). *Symplokê Eidôn. Plato I*, 201-209.
- Brown, L. (2012). Negation and not-being: Dark Matter in the *Sophist*. *Presocratics and Plato*, 233-254.
- _____. (2008). The *Sophist* on Statements, Predication and Falsehood, *The Oxford Handbook of Plato*, 437-462.
- _____. (1999). Being in the *Sophist*: a Syntactical Enquiry. *Plato I*, 455-478, originalmente 1986.
- _____. (1994). The Greek Verb 'Be', Some Remarks. *Language*, 212-237.
- Curd, P. (1991). Parmenidian Monism. *Phronesis* XXXVI/3, 241-264.
- Fine, G. (1986). Immanence. *Oxford Studies in Ancient Philosophy* (OSAPh) IV, 71-98.
- _____. (1984). Separation, *OSAPh* II, 31-88.
- Frede, M. (1992). Plato's *Sophist* on False Statements. *The Cambridge Companion to Plato*, 397-424.
- Kahn, C. H. (1966/s. d.). The Greek Verb 'To Be' and the Concept of Being. *Foundations of Language* 2, 245-265; *Iglésias-Franco*, 1-32.
- Nehamas, A. (1979). Participation and Predication in Plato's Later Thought. *American Philosophical Quarterly* 16, 93-103.
- Owen, G. (1970/1999). Plato on not-being. *Plato I*, 416-454.
- _____. (1960/1975). Eleatic Questions. *Studies in Presocratic Philosophy* II, 48-81.
- Santas, G. (1979). *Socrates. Philosophy in Plato's Early Dialogues*. London/Boston/Henley: Routledge and Paul Kegan.
- Santos, J. T. (2011). Pensando o Ser no Poema de Parmênides. *Hypnos* 26, 48-72.
- _____. (2009). Presença da identidade eleática na filosofia grega clássica. *Journal of Ancient Philosophy*, Vol. III, Issue 2, 1-41: in www.filosofiaantiga.com.